

JESUS DE NAZARÉ DE GNILKA

No meio da produção atual sobre o Nazareno

**Professor de Cristologia no
ITESP.*

*Paolo Parise**

Resumo:

O A. apresenta inicialmente alguns dados biográficos de J. Gnilka buscando com isso contextualizar a sua obra Jesus de Nazaré. Em seguida, em linhas gerais, sintetiza os temas dos capítulos, dando uma idéia do pensamento ao mesmo tempo sólido e equilibrado do autor. Situa a obra dentro do campo de estudos da Cristologia. Subseqüentemente, apresenta uma série de observações a respeito de Jesus de Nazaré de Gnilka a partir de recensões especializadas e completa realçando as contribuições da obra e eventuais limites da mesma.

Chave:

Cristologia: Jesus histórico; J. Gnilka: Jesus de Nazaré.

1. O AUTOR E A OBRA *JESUS DE NAZARÉ* DENTRO DA SUA PRODUÇÃO TEOLÓGICA

Apesar de não ser a finalidade deste artigo apresentar o autor, é indispensável no começo colocar algumas informações biográficas.

Joachim Gnilka nasceu em Leobschutz (Alemanha) em 1928 e foi ordenado em 1953. Fez seus estudos na universidade de Würzburg e no Instituto Bíblico de Roma. Atuou como professor de exegese neotestamentária e hermenêutica nas Universidades de Münster e Munich, na Baviera. Foi também membro da Comissão Teológica Internacional. É um dos teólogos alemães mais conhecidos dentro da exegese católica. Produziu uma ampla bibliografia sobre diferentes temas do Novo Tes-

tamento, normalmente em relação com a tradição dos evangelhos. Muitos de seus comentários foram editados seja pela editora Herder seja na coletânea ecumênica alemã Evangelisch-Katholischer (Benziger/Neukirchener Verlag). Elaborou comentários às cartas aos Filipenses, a Filemon, aos Efésios, aos Colossenses, e dois grandes comentários de Mateus e de Marcos e um de João. Escreveu um volume sobre a teologia do Novo Testamento¹ e *Jesus de Nazaré, anúncio e história*².

Estas últimas obras, *Jesus de Nazaré, anúncio e história* e *Teologia do Novo Testamento* encontram suas raízes na caminhada anterior do autor. Ambas podem ser consideradas como sendo a síntese madura de uma longa caminhada de estudos, pesquisas, ensinamentos, e foram produzidas para o mesmo destinatário, ou seja o grande público.

É natural que a última obra de um autor seja como que um ponto de chegada da caminhada anterior. No caso de *Jesus de Nazaré* não é somente o dado cronológico a confirmar o fato de ser uma obra de síntese, mas também a evidência da retomada de dados já trabalhados anteriormente. De fato, descobrimos que em algumas obras anteriores já tinham aparecido algumas questões e problemáticas, de modo especial, nos comentários aos evangelhos de Mateus, Marcos e João. Como exemplo, retomamos o comentário de Marcos³, onde estão presentes quinze excursos. Muitos deles serão retomados e sistematizados ao longo do livro sobre Jesus. Lembramos os seguintes excursos que serão considerados: a Galileia, os Escribas, os publicanos, os Fariseus, a teoria das parábolas, os milagres e os exorcismos de Jesus, as prescrições levíticas da pureza, o processo de Jesus segundo o direito judaico, a crucificação, os costumes judaicos a respeito do sepultamento. Foi retomado só marginalmente o excuro sobre o divórcio e deixou de lado aquele relativo ao título Filho do homem. Além disso, se tivermos em mente as notas de rodapé, descobriremos que 41 remetem diretamente ao comentário de Mateus, 23 àquele de Marcos e somente uma àquele de João. Desta forma aparece clara a referência às duas obras anteriores sobre os evangelhos sinóticos. Ao mesmo tempo, aparece que o grande patamar são os sinóticos, enquanto o quarto evangelho é quase deixado de lado. Enfim, entre os sinóticos o peso maior é dado a Mateus.

A partir de tudo isso podemos afirmar que estamos diante não simplesmente de uma das obras de Gnilka, mas de uma síntese madura da sua caminhada de estudo, pesquisa, ensinamento.

1 Cf. J. GNILKA, *Teologia del Nuovo Testamento*. Brescia, Queriniana, 1992.

2 O original, em alemão, saiu em 1990; a tradução italiana e espanhola em 1993 e a inglesa em 1996. O atraso da tradução inglesa é emblemático do que aconteceu em geral com as outras obras do Gnilka, entre as quais também muitas não foram nem traduzidas. Isso explica em parte, o fato de não ser muito conhecidas no ambiente anglo-saxônico.

3 Cf. J. GNILKA, *Marco*. Assisi, Cittadella, 1987.

2. JESUS DE NAZARÉ DE GNILKA NO CONTEXTO DAS PRODUÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE JESUS

4 Cf. J. GNILKA, *Gesú di Nazaret. Annuncio e storia*. Brescia, Paideia, 1993, pp. 15-28.

5 Cf. C. PALÁCIO, em Pth 27 (1995) 247-248.

6 Cf. X. ALEGRE, em Sellib/T 28 (1991) p. 197.

7 Cf. C. PALÁCIO, o. cit., p. 248.

8 Cf. S. CALVES, em Respir 53 (1994) p. 402.

9 Cf. G. SEGALLA, em StPatav 38 (1991) p. 654.

10 S. CALVES, o. cit., 402.

11 Esta opinião além de estar presente na recensão em PALÁCIO, 249, está presente também nas recensões de E. BEST, em ExpTim 102 (1990) 266 e de A. SALAS, em RTB 20 (1994) 150.

A obra situa-se no contexto da mudança de atitude em relação à figura de Jesus depois do período de Bultmann⁴. De fato, tanto no contexto protestante como naquele católico, reagiu-se ao ceticismo de Bultmann, demonstrando que um conhecimento de Jesus de Nazaré não era só possível, mas também necessário para a fé. O livro de Gnilka é sintomático da evolução que aconteceu nestas últimas décadas em relação à figura de Jesus. Algo de muito sóbrio, porque de fato também os evangelhos não têm como objetivo satisfazer a curiosidade, mas introduzir-nos no mistério⁵. Além disso, situa-se num contexto de crescente interesse, também entre os não-cristãos, mais pela pessoa histórica de Jesus do que pelo anúncio levado adiante pela Igreja. No meio de uma ampla produção *pseudo-científica* sobre Jesus⁶, típica desta última década, a obra de Gnilka destaca-se de maneira interessante por seu rigor científico.

Em particular, os capítulos dois e três são emblemáticos do desenvolvimento dos últimos anos, onde Jesus é situado no seu ambiente histórico-cultural, com todos os seus condicionamentos, recuperando *a sua plena condição de judeu*⁷. Depois das abordagens da história das formas e a da história da redação, pode surgir a dúvida se algo de novo pode ser escrito sobre Jesus. Na realidade, entretanto, parece existir ainda espaço: *é evidente que a pessoa de Jesus continua a ser um profundo e atraente mistério. O nosso autor, conhecido exegeta, tentou compreendê-lo neste espaço da história que teve a sorte de ter como protagonista Jesus*⁸.

Neste livro sobre Jesus, aparece a ampla cultura do autor que abrange história, arqueologia, geografia e teologia. Destaca-se também o grande *equilíbrio de juízo*⁹ e o fato de ser *sempre circunscrito nas suas conclusões e dentro de uma linha de grande prudência*¹⁰. As conclusões moderadas do autor, e sempre bem fundamentadas, podem levar alguns a considerá-lo excessivamente radical e outros, conservador demais. Por isso, as mesmas afirmações podem ser interpretadas como *tímidas demais* por alguns e *inaceitáveis*¹¹ por outros. Esta obra evita assim os extremos, ou seja, de um lado, fossilizar-se no que há tempo já é aceito sem abrir-se para novas linhas interpretativas, e de outro, abandonar-se a hipóteses do tipo *último grito*. Situa-se numa posição intermediária.

3. ESQUEMA E METODOLOGIA

A exposição do autor estrutura-se em 12 capítulos segundo uma ordem que respeita uma lógica tanto histórica quanto teológica. No primeiro, enfrenta a questão de Jesus a partir de Reimarus até hoje e, em seguida, sublinha como a metodologia crítica demonstra hoje maior confiança nas tradições históricas sobre Jesus, superando o ceticismo de Bultmann. No segundo, retrata o quadro político de Israel no tempo de Jesus: os imperadores romanos, Herodes o Grande e seus filhos, os governadores romanos da Judéia, os sumos sacerdotes e o Sinédrio. No terceiro, passa-se do contexto político àquele sócio-religioso. No quarto, a partir deste chão sócio-político e religioso, coloca-se a pessoa de Jesus, antes da vida pública e seu relacionamento com João Batista. Expõe, no quinto capítulo, o núcleo da pregação e da atividade de Jesus, o reino de Deus, destacando estes itens: parábolas, oferta da salvação, curas e milagres, futuro, presente e proximidade do Reino de Deus, Reino de Deus e juízo. O sexto trata dos discípulos, o seguimento, o estilo de vida de Jesus e dos discípulos, as discípulas e os doze.

Nesta linha de pensamento, no sétimo, Gnilka enfrenta a problemática de Israel, povo de Deus e a Igreja. No oitavo, apresenta o ensinamento de Jesus: a relação do homem com Deus frente do anúncio da soberania divina, Jesus e a Torá, indicações concretas, o resumo da ética, ou seja, o mandamento do amor. No nono, passa-se para a autoridade de Jesus como enviado: Filho do homem, Messias, relação pessoal e filial de Jesus com Deus. O décimo sublinha o conflito que tinha marcado toda a atividade de Jesus e que explode em Jerusalém, apontando o protesto de Jesus no templo como a faísca que provoca a prisão e execução de Jesus (neste contexto relata e interpreta a Última Ceia). O décimo primeiro enfrenta a temática do processo e da execução capital: Jesus preso, diante do tribunal judaico, diante do tribunal romano, a *causa mortis*, a estrada da cruz e a execução capital. O último, o décimo segundo, é um pequeno epílogo pascal, porque a ressurreição, como sublinha o autor, não pertence mais ao Jesus histórico, mas à história da Igreja.

Cada um dos blocos que compõem os capítulos acaba com uma pequena retrospectiva (*Ausblick*), que sintetiza e avalia o assunto, e com a bibliografia utilizada. Além disso, cada capítulo, a partir do quarto, termina depois da exposição com uma apresentação resumida sobre como o assunto foi desenvolvido na comunidade pós-pascal. A evolução está caracterizada pela

12 Cf. X. ALEGRE, o. cit., p. 197.

continuidade na descontinuidade e sempre é esboçada a partir do que os Evangelhos indicam e fazem intuir¹².

A obra termina com uma bibliografia geral, um índice das matérias e das citações. Acrescente-se ainda uma observação no que se refere à edição alemã de 1993. Esta é menor e mais econômica, diferentemente da primeira edição. O índice bíblico reduz-se ao Novo Testamento e possui um apêndice onde se encontra uma entrevista do autor feita em 1992, na rádio Bávara¹³ sobre Jesus, o Cristo.

13 Cf. A. THILS, em NRT 116 (1994) p. 298.

14 A opção metodológica tinha sido colocada logo no começo da obra. Cf. GNILKA, o. cit., pp. 29-43.

O tema de cada capítulo é trabalhado a partir do mesmo esquema. O material evangélico é tratado segundo o método da história das formas e da tradição¹⁴. Apesar disso, Gnilka é muito mais flexível na sua aplicação que muitos pioneiros da história das formas. No começo da obra, o autor apresenta também os critérios de historicidade úteis para reconstruir a imagem de Jesus. Lembra seis critérios: descontinuidade, coerência, multiplicidade de atestações, tradições desconvenientes, *a via particular proposta por N. A. Dahl*¹⁵, o apelo aos níveis mais antigos da tradição sinótica. Neste contexto é interessante notar que a pesquisa destas últimas décadas elaborou uma certa criteriologia que permite esboçar alguns dados sobre Jesus. A classificação varia segundo os autores: passa-se do máximo de onze critérios (Riesner e N. J. McEleney)¹⁶ a um número mais reduzido de dois (W. Trilling)¹⁷ ou até um (Käsemann)¹⁸.

15 Cf. GNILKA, o. cit., p. 40.

16 Cf. F. LAMBIASI, *L'autenticità storica dei Vangeli*. Bologna, Edizioni Dehoniane, 1978, pp. 107-109.

17 Cf. *Ibid.*, p. 67-69.

18 Cf. J. GNILKA, o. cit., p. 38.

4. SOMBRAS E LUZES DO LIVRO

Como acontece normalmente, existem apreciações, observações e críticas a respeito de uma obra. Porém, nem todas têm o mesmo nível, algumas são mais gerais, outras mais precisas; de um lado, há quem aponta o que está faltando e, do outro, o que existe em excesso.

19 Cf. C. PALÁCIO, o. cit., p. 247.

20 Cf. S. BROWN, em *TorJT* 9 (1993) p. 264.

Começando pelos limites, a nível bibliográfico, foram encontradas omissões. Em geral, trata-se da escassez de autores que não sejam alemães. O fato de ser alemão e professor em Munich *explica, mas não justifica, que pelo menos 95% da bibliografia seja de autores alemães*¹⁹. De forma mais específica, há críticas que sublinham *um limitado uso dos frutos das escolas norte-americanas, com exceção do livro das parábolas de Dan Via, na tradução alemã*²⁰. Lembramos outras omissões. No contexto da exposição da realidade histórica nos primeiros capítulos, faltam alguns dados. Por exemplo, ele defende a tese de que os zelotas tinham surgido no começo do século, por ocasião do recenseamento de Quirino, quando na realidade existe uma outra hipótese segundo a qual eles não teriam sur-

gido antes do ano 68²¹. Algumas questões não são tratadas com suficiente atenção²². Ao termo *Abba* não é dada muita atenção²³. É insatisfatória a maneira de tratar *o significado dos evangelhos da infância, a relação entre Jesus e João Batista, o paralelismo ético-doutrinal entre Jesus e os Essênios, as reticências em relação à maneira habitual de tratar a consciência de Jesus*²⁴.

Depois de ter levantado alguns limites da obra, agora vamos retomar as luzes. Em primeiro lugar, lembramos a base crítica séria: sempre atento a perceber o significado literal, também sem excessivas construções teológicas, e prestando atenção ao crescimento tradicional de cada uma das perícopes. Acrescente-se, ainda, o fato positivo que é a maneira de tratar o assunto não deixando espaço a sentimentalismo. Aparece o confronto histórico, religioso, social e político. Coloca sempre a ação histórica de Jesus no contexto sócio-político do judaísmo do I século. Neste sentido os capítulos 2 e 3 são típicos do desenvolvimento dos últimos anos, onde Jesus é situado no seu ambiente histórico-cultural. No passado, por muito tempo, foi sublinhada a descontinuidade de Jesus em relação ao judaísmo, mas desde alguns anos redescobrimos muito mais a continuidade. Se isso é típico destas últimas décadas, Gnilka parece ir mais longe e ao longo do livro, revela a continuidade de Jesus com os grandes personagens da humanidade, apesar de ser de diferentes tradições religiosas. Desta forma, a figura de Jesus está inserida não só na sua plena condição de judeu, mas também na grande tradição dos sábios da humanidade.

Encontramos também uma certa abertura às problemáticas modernas, veja-se por exemplo, a parte relativa às discípulas de Jesus e o fato de sublinhar em diferentes contextos a figura de Maria Madalena. A opção histórica faz com que o autor concentre-se na vida de Jesus, deixando de lado temáticas como a concepção virginal, a infância de Jesus e a ressurreição, escolha que não esconde a sua condição de crente, mas que significa *delimitar metodologicamente o alcance do seu estudo*²⁵. O trabalho sobre Jesus de Gnilka, caracteriza-se ainda tanto pela sua essencialidade na exposição como pela sua linearidade da apresentação. De fato, evita apresentar as múltiplas posições teológicas. Enfatiza a teologia do seguimento quando enfrenta o tema do discipulado. A parte onde o autor é mais pessoal são os capítulos 5-9 onde apresenta a doutrina e a pessoa de Jesus²⁶. São de grande atratividade os dois capítulos relativos à morte de Jesus.

Enfim, lembramos algumas características da apresentação de Jesus²⁷: não foi um indivíduo solitário, mas sempre viveu no meio das pessoas (contra uma certa tradição que quis transfor-

21 Cf. J. L. ESPINEL, em *CiTom* 122 (1995) p. 416.

22 Este limite já tinha sido apontado para as outras obras do autor. De fato em várias ocasiões não utiliza ou pelo menos não faz referência às teorias diferentes daquela que ele escolheu. Cf. B. ESTRADA em *AnnTh* (1990) pp. 435-440. Esse dado porém pode ser explicado pela razão que o destinatário da obra é o grande público e por isso não pode entrar em muitos detalhes demasiado complicados para quem não tem familiaridade com o assunto.

23 Cf. S. CALVES, o. cit., p. 402.

24 Cf. C. PALÁCIO, o. cit., p. 264.

25 *Ibidem*, p. 248 e cf. também E. BEST, o. cit., p. 266.

26 Cf. G. SEGALLA, o. cit., p. 655 e J. L. ESPINEL, *CITom.*, 122 (1995) p. 416.

27 Estas referem-se mais aos capítulos 5-11. Encontramos estas observações nas seguintes resenhas: A. ALEGRE, o. cit., p. 197; J. L. ESPINEL, o. cit., pp. 416-417; C. PALÁCIO, o. cit., p. 248; E. BEST, o. cit., p. 266; X. JACQUES, o. cit., p. 754.

mar Jesus num contemplativo isolado do mundo); apesar de lembrar alguns títulos cristológicos (Filho do homem, Filho de Deus) Gnilka afirma a impossibilidade de prender Jesus num único título; pelo que se refere à identidade de Jesus, não usa termos psicológicos que normalmente aparecem na literatura como *autoconsciência* ou *consciência messiânica*, mas prefere falar de autoridade da missão de Jesus, argumentando que os evangelhos não são textos psicológicos. Nos últimos capítulos (10 e 11, especialmente), contra a exegese liberal, sublinha que Jesus tinha consciência, a partir do estilo de vida que estava levando, do possível final violento da sua vida; não só defende que Jesus realizou a Última Ceia segundo os sinóticos, rejeitando a possibilidade que Jesus tivesse usado o calendário pascal de Qumran, mas também se esforça para fazer perceber que Jesus deu um sentido em relação à Israel.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- GNILKA, J., *Gesù di Nazaret. Annuncio e storia*, Brescia, Paideia, 1993.
- GNILKA, J., *Marco*, Assisi, Cittadella, 1987.
- GNILKA, J., *Teologia del Nuovo Testamento*, Brescia, Queriniana, 1992.
- LAMBIASI, F., *L'autenticità storica dei Vangeli*, Bologna, Edizioni Dehoniane, 1978.

Recensões

- ALEGRE, X., em *Selectiones de Libros de Teologia* 28 (1991) 197 (SelLib/T).
- BEST, E., em *The Expository Times* 102 (1990) 266-277. (ExpTim).
- BROWN, S., em *Toronto Journal of Theology* 9 (1993) 263-264 (TorJT).
- CALVES, S., em *Revista de Espiritualidad* 53 (1994) 402 (Rrsplr).
- ESPINEL, J. L., em *Ciencia Tomista* 122 (1995) 416-417 (CiTom).
- ESTRADA, B., em *Annales Theologici* 4 (1990) 435-440 (AnnTh).
- JACQUES, X., em *Nouvelle Revue Théologique* 113 (1991) 754-755 (NRT).
- PALÁCIO, C., em *Perspectiva Teológica* 27 (1995) 247-249 (Pth).
- SALAS, A., em *Revista de Teologia Bíblica* 20 (1994) 149-150 (RTB).
- SEGALLA, G., em *Studia Patavina* 38 (1991) 654-656 (StPatav).
- THILS, A., em *Nouvelle Revue Théologique* 116 (1994) 298 (NRT).